



# AT WORK

ALGUNS EXEMPLOS DA PRÁTICA COTIDIANA DA BOSKALIS

## TESTEMUNHOS DE ESTAGIÁRIOS

Os nossos estagiários travam conhecimento com o NINA logo nas primeiras semanas do seu estágio. Qual é a sua opinião sobre o programa de segurança? Como são as suas experiências na prática? E qual é a opinião deles sobre o seu próprio papel?



| Nol van Loon

*Nol van Loon (25), dredging operations*

### “NÃO É SÓ PARA ‘INGLÊS VER’”

“Para mim, o que mais se destacou na formação NINA é que o programa foca sobretudo a responsabilidade de cada um de nós e o nosso dever de iniciar discussões. É isso que vejo também na prática. Quando trabalhava no projeto JNPT em Bombaim, começávamos todas reuniões com uma sessão NINA. No início, eu pensava, ‘porque é que começamos sempre com a segurança quando existem tantos outros assuntos importantes também?’ Mas rapidamente descobri que isto não era apenas ‘para inglês ver’ e que todos discutiam o que tinha acontecido. Isto tornou-me muito mais consciente dos riscos. Além disso, agora não tenho medo de assumir a minha responsabilidade. Entrei muitas vezes em locais de obras onde havia colaboradores a fazer trabalhos de soldagem de chinelos e sem óculos de proteção. Como visitante, devo dizer alguma coisa? Quando o perguntei ao meu supervisor, ele disse-me que eu deveria certamente levantar a questão com os homens que trabalham para nós. E foi isso mesmo que eu fiz. Depois, o mais interessante foi que eles começaram a chamar a atenção dos outros colegas sobre o seu comportamento. Foi muito interessante ver isso.” ■

*Patrick Bollen (25), dredging operations*

### “ATÉ ONDE VAI A NOSSA PRÓPRIA RESPONSABILIDADE?”

“Eu gostei da formação NINA porque nos ensina a iniciar uma discussão. No entanto, o que vemos na prática nem sempre é como as coisas devem ser feitas, pois nem todos temos a mesma opinião sobre o que deve ser feito. Constatei isso diversas vezes com a utilização de EPI por exemplo. No início, nunca chamava a atenção de ninguém sobre isso pois não me sentia à vontade para o fazer. Nas reuniões diárias de segurança, são discutidos todos os tipos de pequenas questões; na minha opinião isso é uma coisa boa, pois essas coisas determinam a prática quotidianas. Nessas reuniões, acho mais fácil expressar a minha opinião sobre questões de segurança do que numa situação frente a frente. Também acho difícil saber até onde vai a nossa responsabilidade. Na América Central, trabalhamos como subcontratados num



| Patrick Bollen

projeto. O supervisor do cliente costumava andar descalço sobre as condutas. Eu levantei a questão junto do meu supervisor, que falou várias vezes com os responsáveis do projeto, mas nada mudou de fato. Então o que é que podemos fazer? Até que ponto somos responsáveis pelo nosso empreiteiro?” ■

*Gijs Heida (25), dredging operations*

### “É DIFÍCIL AVALIAR SITUAÇÕES”



| Gijs Heida

“Os valores do NINA soam muito lógicos, mas é bom prestar atenção aos mesmos. Para trabalhos maiores existem procedimentos, mas não para os mais pequenos, que parecem mais simples. Por isso é importante discutir

isso em conjunto, verificar os riscos e assumir responsabilidades. Acho mais fácil abordar os subcontratantes sobre o seu comportamento do que um colega com muita experiência. Embora eu note que as pessoas apreciam quando levantamos alguma questão, como estagiário sou um pouco cauteloso. É necessário ter experiência para avaliar adequadamente uma situação. É seguro ou não? Por exemplo, tínhamos de içar um reboque com uma cavilha que não encaixava bem. A carga podia cair ou não? Eu realmente não conseguia avaliar bem a situação. Tudo o que podemos fazer é colocar uma pergunta aberta.” ■



| Syward van Wijnbergen

*Syward van Wijnbergen (28), offshore energy operations*

## “A FORMAÇÃO FOCA A CONSCIENCIALIZAÇÃO”

“A minha experiência com formações de segurança era que estas se baseavam sobretudo na explicação de regras, o que era bastante entediante. Na formação NINA, eles apresentam um caso, pedem-nos para dar a nossa opinião e depois falamos sobre o assunto uns com os outros. Não existe certo ou errado: o objetivo é criar consciencialização e por isso esta formação é completamente diferente. A formação também me permitiu explicar aos outros, por exemplo aos clientes, o que o NINA representa. Os elementos da formação que realmente podemos

usar na prática são muito dependentes muito do ambiente, acho eu. No trabalho de offshore, estamos muito mais limitados por regras e procedimentos do que na área da dragagem, por isso existem menos problemas de segurança. Trabalhei numa plataforma de perfuração durante um mês, onde era necessária autorização para tudo. Havia um procedimento para cada tarefa. O cliente para quem trabalhávamos tinha padrões de segurança extremamente altos e apreciou muito o NINA. Foi uma boa combinação.” ■

*Niels Gerlofs (25), offshore energy operations*

## “UMA QUESTÃO DE TÁTICA”

“Como toda a gente na organização conhece os valores do NINA, é fácil falar sobre os assuntos. Mas como devemos iniciar uma conversa? E como podemos ter certeza de que o nosso feedback é recebido positivamente? Isto não fazia parte da formação e acho isto um assunto difícil. Eu tento ser tático e fazer perguntas abertas. Se não tiver a certeza se alguma tarefa é perigosa, pergunto ao meu supervisor. Por exemplo, durante uma atracagem, tínhamos de içar uma hélice. Durante a operação, verifiquei os medidores e vi

que a capacidade máxima de carga tinha sido atingida. Quando comuniquei isso ao supervisor, ele perguntou: “O que é que se devia ter feito?” “Verificar antecipadamente qual o peso seguro”, respondi. É claro que naquele momento já era tarde demais para isso, mas da próxima vez eu vou de certeza verificar isso com antecedência. Acabámos por avaliar as opções e decidimos dividir a carga de forma mais uniforme sobre as roldanas, deixando baixar gradualmente e monitorizando bem os medidores.” ■



| Niels Gerlofs



| Tom de Silva

*Tom de Silva (24), offshore energy operations*

## “NÃO BATER COM A PORTA”

“Todos os valores do NINA começam com ‘Eu’. Isso significa que nós mesmos devemos tomar a iniciativa. Por exemplo, abordando outras pessoas. Pessoalmente, não tenho qualquer problema com isso. Tento fazê-lo sempre de forma simpática e amigável porque não queremos bater com a porta, não é? Um ambiente aberto é muito importante. Se a atmosfera for tensa, o trabalho é muito mais difícil, pois as pessoas tendem a prestar tanta atenção a questões paralelas que perdem de vista as questões principais. Também verifiquei que a segurança na prática. Uma vez, eu era a única

pessoa no local e alguns camiões tinham de ser descarregados. No papel, o motorista da empilhadeira tinha as suas qualificações, mas na verdade mal sabia onde se encontrava o volante. O que fazer? Decidi que ele tinha de parar e que era necessário mandar vir outra equipa porque considere que seria irresponsável continuar a trabalhar assim”. ■

**GOSTARIA DE PARTILHAR AS SUAS EXPERIÊNCIAS NO NINA AT WORK? ESTA É A SUA PLATAFORMA!**  
NINA@boskalis.com